

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
POR UMA CANÇÃO  
14 de Agosto de 2021

# DER HIMMEL ÜBER BERLIN / 1987

*(As Asas do Desejo)*

um filme de Wim Wenders

**Realização:** Wim Wenders / **Argumento:** Peter Handke, Richard Reitinger e Wim Wenders / **Direcção de Fotografia:** Henri Alekan / **Direcção Artística:** Heidi Lüdi / **Decoração:** Esther Walz / **Guarda-Roupa:** Monika Jakobs / **Música Original:** Jurgen Knieper e (na sequência do circo) Laurent Petitgand / **Som:** Jean-Paul Mugel e Axel Arft / **Montagem:** Peter Przygodda / **Interpretação:** Bruno Ganz (Damiel), Solveig Dommartin (Marion), Otto Sander (Cassiel), Curt Bois (Homer), Peter Falk (o actor), Crime & the City Solution, Nick Cave & the Bad Seeds (os músicos), etc.

**Produção:** Road Movies – Argos Films – WDR / **Produtores:** Anatole Dauman e Wim Wenders / **Produtores Associados:** Pascale Dauman e Joachim von Mengershausen / **Cópia:** dcp, cor e preto e branco, com legendas em português, 127 minutos / **Estreia em Portugal:** Quarteto, a 1 de Janeiro de 1988.

---

Eis um dos mais célebres filmes de Wim Wenders, porventura mais célebre ainda do que os filmes que, nos anos 70, trouxeram o seu nome para a primeira linha do cinema alemão – falamos de títulos como **Im Lauf der Zeit**, **Der Amerikanische Freund**, **Alice in der Stadt** ou **Falsche Bewegung**. **Der Himmel über Berlin** veio na sequência, aliás, de um dos maiores sucessos da carreira de Wim Wenders, **Paris, Texas**, que valeu a Palma de Ouro em Cannes (e o que vamos ver conquistou o prémio para melhor realização na edição 1987 do mesmo festival). Ou seja, quando aqui chegou Wenders já era tudo menos um “jovem cineasta”; pelo contrário, era um realizador consagrado, e o principal rosto “internacional” da cinematografia alemã (Fassbinder morrera, Schroeter era demasiado “marginal”, Thome demasiado “discreto”).

Se a América e o cinema americano eram presenças recorrentes na obra de Wenders praticamente desde sempre, talvez ele nunca tivesse sido tão “americano” como em **Paris, Texas**, um filme perfeitamente instalado na geografia (física e mitológica) dos Estados Unidos. É verdade que entre esse filme e estas “Asas” Wenders rodou no Japão um documentário sob a égide de Ozu (**Tokyo-Ga**, porventura um dos filmes de Wenders que melhor resiste) mas, com ou sem ele, **Der Himmel Über Berlin** pareceu (e parece) representar um regresso total à Alemanha. À Alemanha contemporânea e a um dos seus lugares mais emblemáticos: a Berlim dividida pelo muro que, talvez ainda ninguém adivinhasse (apesar do “glasnost” e da “perestroika”), só teria pouco mais de dois anos de vida.

Revendo o filme agora, esse aspecto ressalta. **Himmel über Berlin** como um “filme de cidade”, para onde, de resto, o título original aponta (“o céu sobre Berlim”, bem mais atraente do que o vagamente rebarbativo “as asas do desejo”). É preciso dizer, apesar disso, que o aspecto mais saliente do filme de Wenders não é esse e provavelmente nunca o foi. Antes a divagação muito, muito, palavrosa vinda da contribuição de Peter Handke na escrita do argumento, mormente nos diálogos, sobre a história dos anjos que querem ser homens para sentirem as coisas que os homens sentem. Esta espécie de deriva platónica sobre a “queda (voluntária) de um anjo” em busca do amor terreno de uma mulher é narrativamente o centro do filme de Wenders, que lhe deu uma expressão visual, é certo, sugestiva e com alguma força (e não estamos só a falar da divisão “cores / preto e branco”, processo com barbas que Wenders, cinéfilo, obviamente conhecia muito bem).

Mas, francamente, é menos pelo lado do argumento e das “ideias” de **Himmel über Berlin** que lhe apetece pegar. Antes pelo que tem de mais material – as suas imagens, os seus planos, eventualmente os seus sons, alguns dos seus actores. Para este retrato invernal de Berlim contribui muito a fotografia (espantosa, mesmo quando parece só procurar o “bonito”) do veterano operador francês Henri Alekan. Imaginemos que lhe cortávamos o som e **Himmel über Berlin** permaneceria um belo filme “fotográfico”, um “portfolio” dos últimos anos da Berlim dividida – as vistas aéreas do início (sobretudo), o muro como “objecto” ao mesmo tempo simbólico e imanente, ou, talvez a sequência mais fulgurante (e onde os planos são montados como se fotografias fossem), a entrada em Berlim Leste, depois de os anjos se “dissolverem” em frente ao muro e o atravessarem. Chegaríamos depois à melancolia carregada do retrato de Berlim que Wenders compõe com essa fotografia – e à maneira como, em estilo de “falso documentário”, faz entrar no filme (sequências no metro e nas casas) uma desolação quotidiana que já é também uma questão de paisagem humana. Aqui, é forçoso reconhecer algum talento “hipnótico” de Wenders – menos em sequências como a do circo (espécie de “fellinianismo” anti-climático e ao ralenti) do que nas cenas no bar/casa de espectáculos, retrato de um “underground” lânguido varrido por movimentos de câmara flutuantes. Passaríamos a seguir aos actores – um Bruno Ganz que obviamente já era um grande actor antes de fazer de Hitler no filme recente que tanto deu que falar, um Curt Bois (1901-1991) convocado como “memória” e “fantasma” portador, ele próprio, de inúmeros “fantasmas”; e um Peter Falk a atravessar o filme como se não soubesse muito bem o que estava ali a fazer, o que o faz participar inteiramente no registo sonâmbulo que Wenders cria, ao mesmo tempo que simboliza (trata-se de um actor americano que vem a Berlim rodar um filme sobre o Holocausto) a “apropriação” americana (meia dúzia de anos depois Spielberg filmaria **Schindler’s List**) de uma história que os alemães tinham renitência em contar.

Luis Miguel Oliveira